



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

CONCILDA FERREIRA RIBEIRO
LILIANE RODRIGUES DOS SANTOS

METÁFORA, CULTURA E IDENTIDADE: uma análise da expressão paraense “o
cavalo mordeu tua cabeça”

ABAETETUBA-PA

2025

CONCILDA FERREIRA RIBEIRO
LILIANE RODRIGUES DOS SANTOS

METÁFORA, CULTURA E IDENTIDADE: uma análise da expressão paraense “o
cavalo mordeu tua cabeça”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau de
Licenciado em Letras, Habilitação em Língua
Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

ABAETETUBA-PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R484m Ribeiro, Concilda Ferreira.
METÁFORA, CULTURA E IDENTIDADE : uma análise da
expressão paraense “o cavalo mordeu tua cabeça” / Concilda
Ferreira Ribeiro, Liliane Rodrigues Dos Santos. — 2025.
45 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Educação do
Campo, Abaetetuba, 2025.

1. Composicionalidade. 2. Linguística funcional. 3.
Metáfora. I. Santos, Liliane Rodrigues Dos. II. Título.

CDD 410

**CONCILDA FERREIRA RIBEIRO
LILIANE RODRIGUES DOS SANTOS**

METÁFORA, CULTURA E IDENTIDADE: uma análise da expressão paraense “o cavalo mordeu tua cabeça”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Letras, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.
Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Defesa em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson Borges Rua
(UFPA/Campus Abaetetuba) – Presidente - Orientador

Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante
(UFPA/Campus Abaetetuba) – Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a nossos familiares, amigos e professores, bem como a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a nossa formação, e àqueles que acreditam no poder transformador da educação e da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer a Deus, autor e consumidor da nossa fé, pela força e sabedoria, por ter nos ajudado a concluir mais uma etapa, pois, sem ele não seria possível. Passamos por momentos difíceis, mas, em todas as situações nos sustentou e não permitiu que desistíssemos.

Agradecemos aos nossos familiares - pais, irmãos e filhos - pela compreensão, força, parceria e apoio incondicional. Vocês foram essenciais em cada desafio que enfrentamos, pois sabíamos que não estávamos sozinhos, sempre pudemos contar com a ajuda de todos.

Um agradecimento especial ao nosso orientador Dr. Robson Rua, por toda a dedicação, paciência e ensinamentos valiosos que fizeram e continuam fazendo diferença em nossas vidas. Sua excelência está em tudo o que faz, pois trabalha com amor e responsabilidade.

Aos nossos colegas de turma, pela parceria ao longo desse período. Não foi fácil para nenhum de nós, mas conseguimos, com a graça de Deus e a cooperação de todos.

Enfim, agradecemos a todos que direta e indiretamente, contribuíram para esta tão sonhada conquista. Que possamos seguir firmes em busca de novos sonhos e objetivos.

Concilda e Liliane

“Tudo é possível ao que crê.”

(Marcos: 3.9)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o uso da expressão metafórica muito utilizada no falar paraense, “O cavalo mordeu tua cabeça?”, evidenciando a perda da composicionalidade, visto que o significado da expressão não está na interpretação de suas respectivas partes, mas sim nas inferências e conhecimento social e cultural do falante. Para a realização da pesquisa foram recrutados dados e conversas de redes sociais, mais precisamente dos aplicativos *WhatsApp* e *Instagram*, detalhando cada contexto de uso. Portanto, a fundamentação teórica está baseada na linguística funcional, considerando os estudos de Martellota (2003; 2021) que pontua que a língua não é fixa, mas sim maleável se moldando de acordo com a necessidade de uso, e Souza (2020), que discute a importância da semântica para a compreensão de significados, reforçando na teoria de Lakoff e Johnson (1980), acerca da metáfora conceitual, enfatizando o mapeamento entre dois domínios, havendo sempre uma correlação. Por fim, este trabalho busca contribuir para estudos voltados na área da linguística, especificamente, no campo da metáfora, buscando oferecer uma discussão e análise de expressões que já existem de forma convencional na língua, mas que, devido ao falante ser expressivo, consegue criar novos rótulos, dando um novo significado, sempre com uma motivação de acordo com suas necessidades.

Palavras-chave: Composicionalidade. Linguística funcional. Metáfora.

ABSTRACT

This study aims to analyze the use of the metaphorical expression widely used in the speech of Pará, “Did the horse bite your head?”, highlighting the loss of compositionality, since the meaning of the expression is not derived from the interpretation of its individual parts, but rather from the speaker's social and cultural knowledge and inferences. For the development of the research, data and conversations were collected from social media platforms, specifically from WhatsApp and Instagram, detailing each usage context. The theoretical foundation is based on functional linguistics, considering the studies of Martellota (2003; 2021), who emphasizes that language is not fixed but malleable, shaped by the need for use, and Souza (2020), who discusses the importance of semantics for understanding meaning. This is further supported by the theory of Lakoff and Johnson (1980) on conceptual metaphor, which highlights the mapping between two domains, always involving some correlation. Finally, this study aims to contribute to research in the field of linguistics, specifically in the area of metaphor, by offering a discussion and analysis of expressions that already exist conventionally in the language, but which, due to the speaker's expressiveness, can be reinterpreted through the creation of new labels, assigning new meanings always motivated by their communicative needs.

Keywords: Compositionality. Functional Linguistics. Metaphor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES DADOS:

Dado 1.....	13
Dado 2.....	23
Dado 3.....	24
Dado 4.....	25
Dado 5.....	28

FIGURAS:

Figura 1– Dados coletados da pesquisa	21
Figura 2 – Fases da realização da pesquisa	21
Figura 3 – Mapeamento entre domínio fonte e domínio alvo	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO	15
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	22
5.1. A expressão “ <i>O cavalo mordeu tua cabeça?</i> ” em seu sentido literal	23
5.2. Análise semântica da expressão: Sentido não-composicional.....	25
5.3. A relação entre o domínio fonte e domínio alvo no objeto da pesquisa	26
5.4. A expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?” em forma de negação	27
5.5. Possível surgimento da expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?”	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

ANEXOS

.....

1. INTRODUÇÃO

O funcionalismo linguístico é algo fascinante, visto que, considera a língua não como um fenômeno estático, mas sim um fenômeno dinâmico, sujeito a modificações, de acordo com as necessidades dos falantes. Martellota (2003) pontua que a língua não é algo fixo, está em constantes mudanças ao longo dos tempos, por isso, se torna interessante pesquisar expressões e construções já existentes na língua, que ganham um novo significado dependendo do contexto de uso.

Desta forma, o presente trabalho, fruto das aulas de Semântica e Pragmática, analisa uma expressão muito utilizada no falar paraense “o cavalo mordeu tua cabeça?” que é uma expressão de cunho metafórico. Desse modo, partiremos da apresentação do nosso objeto de pesquisa, analisando seu significado, a partir da perda da composicionalidade e uma possível hipótese para o surgimento da expressão com um novo significado.

Para fundamentação teórica, recorreremos aos linguistas funcionalista Martellota (2003) e Souza (2013), fazendo uma breve abordagem do funcionalismo linguístico, para então chegarmos no assunto principal que é a metáfora conceptual, já que nosso objeto de pesquisa é uma expressão metafórica. Embasados na teoria dos autores Lakoff e Johnson (1980) ao quais afirmam que a forma que falamos, pensamos e agimos, é uma questão particularmente metafórica. De fato, as metáforas estão presentes no nosso cotidiano, fazemos uso constantemente, para a construção de significados, através da cognição humana, baseadas em experiências corporais, conhecimento de mundo, tanto no aspecto social como cultural.

Com objetivo de fundamentar nosso ponto de vista, recorreremos aos trabalhos desenvolvidos no NAESP - Núcleo Amazônico de Estudos Semânticos do Português, da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba, coordenado pelo Dr. Robson Rua, a destacar os trabalhos de: Cantão (2024) *UM ESTUDO DA METÁFORA NOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO*, o qual analisa três provérbios, enfatizando como o autor se apropria da metáfora para transmitir lições e conselhos sobre a vida e Gomes (2024) “*FAZER A SANDY*”: *UMA ABORDAGEM DA CONSTRUÇÃO IRREGULAR NO PORTUGUÊS*, discutindo como as pessoas utilizam suas experiências, fazendo comparações de termos através da cognição.

Por fim, analisaremos o uso da expressão em diversos contextos, enfatizando como se dá a construção de um novo significado, partindo de algo mais concreto para o abstrato, através do mapeamento entre o domínio fonte e o domínio alvo. Destacamos a importância desse trabalho, para uma melhor compreensão, como que uma palavra ou expressão ganha

um novo significado, não de forma aleatória, mas motivada, instigando a novos discentes, se despertarem para o campo da pesquisa na área da linguística, contribuindo com novas pesquisas, já que a língua está sempre em movimento.

Para fins de apresentação, o artigo está organizado em quatro seções. Na primeira realizamos a apresentação do nosso objeto de estudo, em seguida, trouxemos o referencial teórico para fundamentar nossa pesquisa. Na terceira, apresentamos nossos procedimentos metodológicos para sinalizar como a pesquisa foi desenvolvida, na última seção, realizamos a análise detalhada do objeto, fazendo uma discussão com os dados coletados, mostrando o significado e a motivação.

2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

A considerar a grande diversidade de dialetos e expressões linguísticas presentes em todo Brasil, observamos uma vasta variedade presente na região norte, mais precisamente no estado do Pará, onde verifica-se que há diversas expressões típicas que trazem um novo sentido às palavras e orações, com o intuito de tornar as conversas muito mais impactantes, interessantes e com um toque de humor único.

Algumas destas expressões são, “*Boca de jambú*”, que se refere à alguém que fala demais; “*Cara de pupunha*”, que se refere ao indivíduo que tem o rosto oleoso; e em especial o objeto que iremos analisar e abordar nesta pesquisa, “O cavalo mordeu tua cabeça?”, que expressa ideia de loucura, perda de juízo e negação. No entanto, para chegarmos à essa significação precisamos fazer um breve esclarecimento abordando a ideia de composicionalidade e não composicionalidade.

No que diz respeito à primeira, que é a composicionalidade, de modo geral, enfatiza que, o sentido de uma sentença é determinado pelo significado de suas partes e como esses termos estão combinados, necessitando que siga uma sequência interpretativa sucessiva, para que ao final chegue ao significado real da sentença.

Na expressão que iremos trabalhar, tem-se a perda dessa composicionalidade, o que se encaixa no segundo ponto aqui abordado, da não composicionalidade, referindo-se a impossibilidade de interpretar o sentido da frase apenas com o significado de suas respectivas partes. Dessa forma, para chegar à interpretação do sentido atribuído ao objeto, é necessário a realização de inferências, pois não está sendo interpretada no sentido literal. Fazendo

apenas uma comparação, pois o animal (cavalo) não mordeu, de fato a cabeça do indivíduo, mas sim, para expressar a ideia de loucura ou negação.

Sabemos que o ser humano em sua natureza, já é bastante expressivo e no falar paraense, isso é ainda mais recorrente e comum. A língua no contexto geral não é estática, sendo maleável e suscetível à mudanças e adaptações frequentes, a depender do contexto e necessidade do falante. Sendo assim, está a todo momento se movimentando, de acordo com a necessidade de uso, ou seja, as pessoas poderiam usar os termos convencionais para uma situação inusitada como: “Está doido”, “perdeu o juízo”, mas como esses termos já estão de certa forma, desgastados, fazem uso de uma nova expressão, recrutando termos já existentes na língua, assumindo um novo significado, tornando-o ainda mais expressivo e impactante no momento de uso.

Dado 1



Fonte: Extraída da rede social “Facebook” (2024).

A expressão “**O cavalo mordeu tua cabeça**” é um termo que faz parte do rico repertório do falar paraense, sendo muito utilizado em conversas informais com familiares e amigos, para expressar a ideia de alguém que está fora de si, perdeu os sentidos, sem noção, enlouqueceu ou expressar a ideia de negação, sendo esta, uma sentença metafórica, que possui uma construção inusitada do significado, que usa do humor e exagero para tornar-se mais impactante. Por muito tempo, a metáfora foi trabalhada e ensinada apenas como uma figura de linguagem, usada somente para embelezar textos literários, sem dar tanta importância para sua função comunicativa. Hoje, sabemos que vai muito além, pois tornou-

se um fenômeno cognitivo essencial para o desenvolvimento de pensamentos e uma grande aliada no processo de comunicação, estando presente em todos os contextos. Os autores Lakoff e Johnson (1980) mostram em sua obra, que a forma que falamos, pensamos e agimos, é uma questão particularmente metafórica.

Como sabemos, nem uma expressão ou forma de comunicação surge do nada, sem uma motivação, sentido ou objetivo. Sempre existirá uma explicação lógica, científica ou mesmo cultural para cada termo. E é através da metáfora conceptual, que podemos estudar e analisar detalhadamente o surgimento e sentido dessas expressões metafóricas utilizadas no contexto de comunicação.

De acordo com Lakoff (1980), há um mapeamento entre dois domínios, sempre havendo uma correlação, domínio-fonte com um conceito mais concreto, indo para o domínio-alvo de forma mais abstrata. Desta forma, ocorre a correlação entre os domínios. No caso da expressão que iremos trabalhar, o domínio-fonte é a mordida do cavalo (conceito concreto) e o domínio-alvo, é a pessoa que perdeu o juízo, (conceito abstrato).

No decorrer da pesquisa sobre o uso da expressão, “**O cavalo mordeu sua cabeça**”, analisamos, primeiramente, que a escolha do animal, neste caso, *O cavalo*, não foi à toa, havia um sentido então desconhecido por aqueles que não conhecem os instintos desse animal e não tem as informações necessárias para conseguir inferir o ato de “*morder*” com determinada reação inusitada do animal.

O cavalo é um animal conhecido por ser dócil, facilmente adestrado e que pode conviver normalmente com seres humanos, porém podem ser agressivos em situações de estresse, como: quando são mal manuseados, enquanto comem, período do cio, dentre outros. Quando pensamos no estresse desse animal, logo associamos ao coice, que é a reação mais comum a qual se conhece. Entretanto, durante as pesquisas realizadas sobre o animal, observamos que em situações extremamente raras, o cavalo pode atacar através de mordidas.

O detalhe que chamou atenção, para que chegássemos à uma conclusão lógica da origem da expressão em questão, foram os dados apresentados por fazendeiros e adestradores, em alguns sites voltados para cuidados com cavalos. Onde afirmam o grande perigo da mordida desses animais, pois apesar de raras, são extremamente agressivas, sendo tão fortes que pode arrancar membros humanos ou causar lesões graves levando a óbito. Assim, analisando o contexto de perigo da mordida do cavalo, observamos que, se a mordida é tão forte a ponto de arrancar partes do corpo humano, se for na região da cabeça, pode ser tão agressiva que certamente levaria o indivíduo a óbito.

Após esclarecidos os motivos pelo qual o animal utilizado na expressão é o cavalo, e apresentando a mordida como objeto que expressa intensidade e grandes danos, passamos a observar o contexto do local da mordida, segundo a expressão “O cavalo mordeu *tua cabeça?*”. Sabemos que o ser humano é um indivíduo pensante, que tem a capacidade nata de raciocinar pensar e refletir sobre as mais diversas coisas e situações. Esse fenômeno, se dá a partir do sistema e funcionamento cerebral, o qual permite que o indivíduo consiga ser racional, possibilitando sua capacidade de pensamento.

Ao trazer através dessa expressão, o cavalo, com a mordida perigosa na região da cabeça, onde se encontra o cérebro que é responsável por todo funcionamento do corpo humano, inclusive sua capacidade de pensar, faz-se a inferência através da interpretação metafórica, de que determinada atitude de um indivíduo é tão impensada, louca e sem noção, que precisaria ter acontecido algo tão impactante quanto a mordida do cavalo na região cerebral, para que o levasse a pensar ou falar tamanha asneira.

Ao analisar algumas possíveis hipóteses do surgimento da referida expressão, pudemos perceber, que para a interpretação dessa sentença é necessário o conhecimento prévio desses detalhes referentes ao animal, o que possibilita a compreensão lógica para o surgimento do referido objeto. Sendo assim, a expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?” pode ter surgido em um contexto de conversa entre fazendeiros ou adestradores de cavalos, que já tinham o conhecimento prévio dessas informações, e com o objetivo de desenvolver uma forma mais expressiva de se comunicar, criou-se essa sentença que possibilita uma conversa mais interessante e divertida entre os falantes.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O funcionalismo linguístico, conforme destacado por Martellota (2003), enquanto teoria, propõe que a língua não é algo fixo, mas sim um fenômeno dinâmico, constantemente modificado ao longo do tempo. Nesse sentido, a linguagem reflete as necessidades e os comportamentos dos falantes, que, ao se depararem com novos contextos e realidades, criam novas formas de expressão.

os funcionalistas procuram observar, além de motivações estruturais, os aspectos cognitivos e comunicativos subjacentes aos fatos gramaticais. E, quando tratam da mudança linguística, seu interesse recai não apenas no fenômeno da variação, mas principalmente nas motivações que levam os falantes a estender os usos de determinados elementos linguísticos para novas funções e os mecanismos através

dos quais as estruturas se reanalisam em novas formas (Martellota, 2021, p. 3).

Dessa forma, acrescenta Martelotta (2003), que o funcionalismo caracteriza-se pela concepção da língua como instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável. Essa abordagem investiga como as formas linguísticas atendem a necessidades comunicativas e sociais, explorando suas funções dentro de diferentes contextos.

A concepção de Martellota (2003) sobre as expressões modificadas popularmente, dentro da perspectiva funcionalista, sugere que a linguagem não deve ser vista como um fenômeno estático, mas sim como um processo dinâmico, sujeito a modificações ao longo do tempo. A partir dos princípios funcionalistas, Martellota argumenta que a trajetória histórica das línguas é marcada por transformações nas estruturas linguísticas, embora algumas delas permaneçam inalteradas.

Nesse contexto, a mudança linguística não pode ser compreendida apenas de forma diacrônica e linear, como uma sequência simples de alterações. Ao contrário, ela deve ser entendida como resultado de tendências cognitivas e conversacionais que influenciam o uso da linguagem.

Martellota destaca que, no uso cotidiano, as expressões linguísticas são constantemente modificadas pelos falantes, que, ao adaptá-las aos seus contextos sociais e comunicativos, atribuem novos sentidos ou modificam seus significados. Um exemplo disso é a expressão paraense "cara de pupunha", usada de forma bem-humorada para se referir a alguém com o rosto muito oleoso, comparando-o à aparência brilhante da pupunha cozida.

Isso ocorre devido à natureza cognitiva da linguagem, que está sempre em interação com as necessidades de comunicação e os contextos situacionais dos falantes. Portanto, as expressões modificadas popularmente não são apenas um reflexo de mudanças externas ou históricas, mas também do processo contínuo de adaptação e recriação da língua pelos usuários, que, em sua busca por eficácia comunicativa, reconfiguram as estruturas linguísticas para melhor atender às demandas do contexto social e interacional.

Nesse contexto, a mudança linguística é um fenômeno complexo, impulsionado tanto por fatores cognitivos quanto pelos próprios usos pragmáticos da linguagem, sendo fundamental para compreender como as línguas evoluem e se transformam ao longo do tempo. O cognitivismo contribui para essa compreensão ao considerar que o uso da linguagem está intrinsecamente ligado aos processos mentais dos falantes.

Um exemplo disso é o papel da metáfora, que, segundo a perspectiva cognitivista, não é apenas uma figura de linguagem estilística, mas um mecanismo essencial de estruturação do pensamento e da experiência. A metáfora permite que conceitos abstratos sejam compreendidos a partir de domínios mais concretos - como na expressão "explodir de raiva", em que uma emoção é concebida por meio da metáfora da explosão, algo físico e visualmente intenso.

Essa abordagem dialoga diretamente com o funcionalismo linguístico, já que ambos os paradigmas reconhecem a centralidade do uso da língua em contextos reais. Enquanto o cognitivismo destaca o papel do conhecimento e da experiência na formação dos sentidos, o funcionalismo foca nas funções comunicativas da linguagem e em como elas influenciam a forma e a estrutura das línguas.

Ao articular metáfora e cognição, inserimos também a perspectiva funcional, que se mostra pertinente, pois ajuda a explicar como determinadas expressões ganham novos significados a partir de necessidades comunicativas específicas dos falantes.

Souza (2020) discute a semântica e a importância das palavras-chave para a compreensão das culturas, pois estas são essenciais para desvelar os valores e crenças de uma sociedade, sendo que a análise semântica das palavras não apenas revela o significado linguístico, mas também os aspectos socioculturais intrínsecos, mostrando como a língua e a cultura estão interligadas na formação de conceitos e comportamentos sociais.

Na cultura paraense, por exemplo, diversas expressões populares funcionam como verdadeiras palavras-chave que condensam sentidos socioculturais locais. Um exemplo é a expressão "pai d'égua", amplamente usada para indicar algo positivo, admirável ou bem-feito. Mais do que uma gíria, ela traduz uma forma de ver o mundo com orgulho regional, afetividade e identidade cultural. Termos como esse revelam como a linguagem é atravessada pela experiência coletiva, funcionando como uma chave ou reconhecimento para a interpretação de práticas sociais, relações e formas de pertencimento.

Um autor importante nesse campo é George Lakoff, cujas teorias sobre metáforas conceituais e modelos cognitivos idealizados são centrais na Semântica Cognitiva. Lakoff e Johnson (1980) argumentam que grande parte do pensamento humano é estruturado por metáforas, ou seja, as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas formas fundamentais de compreensão e categorização do mundo. Eles afirmam que essas metáforas são baseadas em experiências corporais e moldam a maneira como percebemos conceitos complexos, como tempo, espaço e emoções.

Um exemplo disso pode ser observado no uso comum da linguagem para falar sobre o tempo como se fosse espaço físico. Quando dizemos que "as férias vão do dia 2 ao dia 29 de abril", estamos, na verdade, usando a experiência corporal do deslocamento no espaço para entender algo abstrato como o tempo. Não vemos as férias se movimentando, como um corpo que anda do ponto A ao ponto B, mas usamos esse modelo espacial para falar sobre a passagem dos dias.

Como pode ser comentado em uma aula por exemplo: "Entraremos de recesso até 29 de abril", como se deslocar? É possível ver o recesso? Não, não é possível. Então, se fala isso como tempo, mas é o deslocamento no espaço. Isso é metáfora. Tempo é espaço. Esse tipo de metáfora - fundamentada em experiências corporais - é central para a Semântica Cognitiva e ajuda a explicar como organizamos o pensamento a partir de vivências físicas.

A Semântica Cognitiva propõe, assim, que a linguagem reflete e é formada pela cognição humana, sendo moldada por estruturas mentais que estão, em grande parte, além do simples processo de associar palavras a significados fixos. A mente é vista como corpórea e a linguagem como um reflexo da nossa interação com o mundo físico e social.

Um exemplo popular disso é a expressão paraense "ficar com a macaca", usada para descrever alguém que está muito irritado ou agitado. A frase, embora à primeira vista pareça apenas uma gíria regional, reflete uma estrutura metafórica em que emoções intensas são associadas ao comportamento imprevisível e enérgico de um animal - nesse caso, o macaco.

Essa associação revela como experiências físicas e culturais moldam a forma como falamos e pensamos, reforçando a ideia de que a linguagem está diretamente ligada ao corpo, à emoção e à vivência social. Cantão (2024) reflete sobre a evolução do conceito de metáfora, destacando que, embora na retórica tradicional ela fosse compreendida apenas como uma figura de linguagem, baseada em semelhança ou analogia, hoje se reconhece seu papel mais profundo na cognição humana. Nesse sentido, a autora argumenta que:

as exposições frequentes as metáforas, ao longo do tempo, incorporam-nas em nossos padrões de pensamento e linguagem. Da mesma forma, quando queremos expressar nossas ideias usando metáforas, muitas vezes encontramos essas expressões prontamente disponíveis em nossa mente, pois já internalizamos esses padrões de associação. Isso facilita a comunicação e construção de significados complexos de forma mais acessível e envolvente (Cantão, 2024, p. 11).

No entanto, compreende-se que ao se tratar da metáfora como uma ferramenta cognitiva essencial, vai além da simples substituição de termos. Na perspectiva de Lakoff e

Johnson (1980, *apud* Cantão, 2024), os estudos da metáfora mostram que ela é uma estrutura cognitiva profundamente enraizada, presente não só na literatura, mas no cotidiano, sendo essencial para a formação do pensamento humano.

A linguagem cotidiana está repleta de metáforas que, muitas vezes, são usadas sem percebermos sua presença. Essas metáforas ajudam na construção do sentido e na expressão de significados complexos, como o conceito de "sentido literal", que tem sido amplamente discutido por diversos teóricos. Cantão (2024) aponta que, na tradição linguística, o sentido literal é visto como aquele em que as palavras possuem um significado direto e inquestionável, algo que pode ser compreendido sem depender do contexto.

No entanto, as metáforas, presentes em nosso cotidiano, demonstram como o significado de uma expressão vai além daquilo que é dito literalmente. Por exemplo, a frase "estou numa montanha-russa de emoções" usa uma metáfora para representar a oscilação emocional, substituindo o significado literal de "montanha-russa" por uma imagem de instabilidade emocional.

A metáfora conceitual, que aparece constantemente na comunicação cotidiana, vai além da palavra isolada e é aplicado em situações do cotidiano, como no uso de expressões como "abrir os olhos" ou "matar a saudade", que transferem significados mais profundos e abstratos a partir de ações e objetos do cotidiano.

A metáfora, portanto, não é apenas uma forma de embelezar a comunicação, mas um mecanismo essencial na formação de significados complexos. Ela se relaciona diretamente com a forma como interpretamos e compreendemos o mundo, indo além do conceito tradicional de metáfora como simples substituição de palavras. Essa perspectiva de metáforas como estruturas cognitivas enraizadas nas nossas experiências do cotidiano representa o "sentido literal" de uma palavra que está intimamente ligada ao contexto e à experiência pessoal de cada indivíduo.

Compreende-se assim, que as metáforas no cotidiano têm um papel fundamental na construção do significado, evidenciando como a linguagem vai além da literalidade e se torna um mecanismo essencial para a compreensão de nossa experiência humana e cultural. Como Silva (2023, p. 9) afirma, "a metáfora transcende sua natureza de mero adorno linguístico e possui implicações profundas que vão além das palavras. Ela tem a capacidade de influenciar significativamente a forma como pensamos, nos comunicamos e compreendemos o mundo que nos cerca".

Por exemplo, quando usamos expressões como "a vida é uma jornada", estamos utilizando uma metáfora que não apenas facilita a comunicação, mas também estrutura nossa

forma de entender a experiência humana. Em vez de ver a vida como uma sequência de momentos isolados, essa metáfora nos convida a pensá-la como um percurso, com desafios, aprendizados e metas, o que afeta nossa visão de mundo e as decisões que tomamos ao longo dela. Isso ocorre porque a metáfora ativa uma rede de significados e associações que influenciam como vemos e interpretamos nossas experiências.

Portanto, as metáforas são muito mais do que uma questão de estilo ou figura de linguagem; elas são uma parte essencial da forma como pensamos, comunicamos e interagimos com o mundo. Elas refletem a maneira como nossa mente funciona e, ao mesmo tempo, têm o poder de moldar e transformar a maneira como pensamos e nos comportamos.

A reciclagem de termos linguísticos, como discute Mariângela de Oliveira e Coelho (2003), é um exemplo claro dessa dinâmica, onde os falantes reconfiguram palavras e construções para atribuir novos significados em diferentes situações comunicativas.

Dessa forma, pode-se dizer que, a língua é vista como um reflexo das ações humanas, moldada pelas necessidades de comunicação, e sua evolução é impulsionada pelo uso diário e pelas transformações na sociedade. O funcionalismo, portanto, enxerga a língua como um instrumento flexível, cujas mudanças são motivadas pela ação prática dos falantes, em constante busca por novas formas de expressão e significado.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa científica tem por finalidade obter conhecimentos, analisar objetos, esclarecer dúvidas, testar hipóteses ou resolver um problema. Por isso é imprescindível traçar objetivos claros, procedimentos metodológicos precisos, para alcançar êxito e credibilidade.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfica qualitativa, já que tem por objetivo analisar e compreender uma expressão metafórica. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p.183), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade “Colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. A coleta de dados ocorreu entre os dias

22/10/2024 a 02/06/2025, através de imagens e prints, retirados das redes sociais Whatsapp e Instagram, como mostra a tabela a seguir.

Figura 1 – Dados coletados da pesquisa

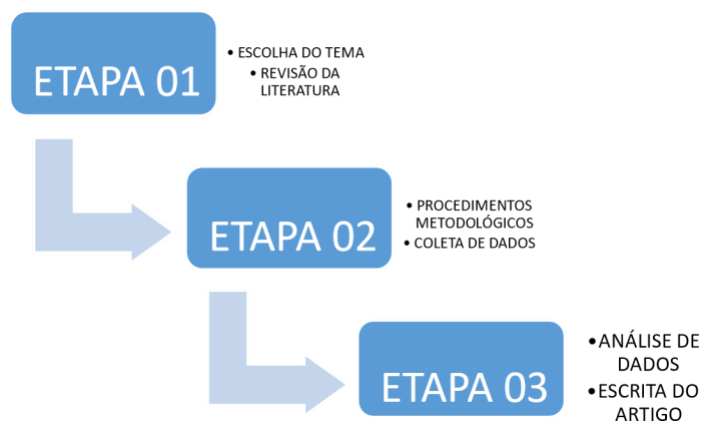
Fonte dos Dados	Quantidade de Dados Coletados	Quantidade de Dados Utilizados	Observações
Facebook	25	4	Dados coletados de postagens
Instagram (Conversas)	1	0	Conversa direta em mensagem privada
WhatsApp (Conversas)	1	1	Conversa com contexto específico
Total Geral	28	5	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A expressão abordada no correr deste trabalho, é utilizada principalmente em contextos de conversas informais, entre amigos e em conversas entre falantes que já possuem um certo grau de intimidade. Ao percebermos que não haviam muitos dados disponíveis sobre o tema trabalhado, precisamos utilizar de meios alternativos para consegui-los. Utilizamos uma enquete na rede social Instagram, que nos possibilitou conseguir prints de conversas privadas de algumas pessoas, e dessa forma selecionamos os dados mais adequados para adicionar a este trabalho.

O interesse surgiu através da disciplina Semântica e Pragmática, ofertada na graduação, que trata da construção do significado. Pensamos em escolher uma expressão um pouco mais inusitada para discorrer sobre o significado, desse modo observamos que a expressão “o cavalo mordeu a tua cabeça” não apresenta muitos conteúdos explicativos, por esta razão decidimos analisá-la, seguindo por três etapas essenciais apresentadas a seguir.

Figura 2 – Etapas de desenvolvimento da pesquisa



Fonte: Própria das autoras (2025)

Desse modo, a primeira etapa da pesquisa foi a escolha do tema, como mencionado anteriormente, no período que cursamos a disciplina Semântica e Pragmática. A princípio, foi apenas uma apresentação de seminário como método avaliativo da disciplina, resultando em uma pesquisa mais detalhada, apresentado como trabalho de conclusão de curso (TCC). Em seguida precisamos revisar importantes literaturas na área da linguística, de autores e pesquisadores que falam sobre o funcionalismo linguístico e metáfora.

Na segunda etapa, desenvolvemos os procedimentos metodológicos, de forma que pudéssemos alcançar nossos objetivos, seguindo para a coleta de dados, vale ressaltar que tivemos muitas dificuldades, nessa coleta, já que a expressão é usada mais na oralidade, não encontramos muitos dados na forma escrita.

Na terceira e última etapa, analisamos os dados coletados, mostrando como ocorre a construção de um novo significado de uma expressão já existente na língua, percebemos que há a perda de composicionalidade, de forma que o sentido não está na literalidade, mas sim no sentido metafórico, finalizando com a elaboração do artigo.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nessa etapa, faremos uma análise detalhada do objeto de estudo em questão, “o cavalo mordeu tua cabeça?”, realizando uma discussão sobre os dados coletados durante a pesquisa, que nos possibilitou chegar às conclusões e resultados dessa expressão do falar paraense. Durante as pesquisas, chegamos à conclusão de que a expressão é um termo metafórico que se enquadra nos aspectos da metáfora conceptual e que dispõe de uma relação entre dois fatores, o Domínio-fonte (concreto) e o Domínio-alvo (abstrato), que segundo Lakoff (1980), estabelecem uma correlação e são essenciais para que se possa compreender e interpretar de forma correta a expressão. Também abordaremos seu significado e em quais contextos essa expressão é utilizada pelos falantes.

Com isso, realizaremos a análise através de quatro sub-tópicos que irão abordar os diferentes pontos de vista do objeto em questão. O primeiro tópico, que nomeamos de “A Expressão “o cavalo mordeu tua cabeça?” em seu sentido literal”, abordará a forma em que o funcionalismo linguístico vê a linguagem como instrumento social, mostrando a função comunicativa da expressão “o cavalo mordeu tua cabeça?”.

O segundo ponto, “O cavalo mordeu tua cabeça: em busca de novos rótulos”, mostraremos como ocorre a resignificação das palavras na expressão, a depender da necessidade dos falantes.

Seguindo para o terceiro ponto de nossa análise, nomeado por “Análise semântica da expressão: sentido não-composicional”, discorreremos sobre a perda de composicionalidade da expressão “você está ficando doido?” (sentido-composicional), para “o cavalo mordeu tua cabeça?”, que mostra seu sentido não-composicional.

No quarto ponto, nomeado de “A relação entre o domínio fonte e o domínio alvo no objeto da pesquisa”, analisaremos a forma em que as palavras podem ser recicladas, abrindo possibilidades para criação de novos termos e expressões que possibilitam uma comunicação muito mais interativa e interessante aos falantes.

No quinto ponto, “A expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?” em forma de negação”, mostraremos uma variação na utilização da referida expressão, em que o falante usa desse termo para negar algo que lhe foi dito. Por fim, no sexto ponto, “Possível surgimento da expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?””, realizaremos a análise das possíveis hipóteses de surgimento da sentença.

5.1. A expressão “*O cavalo mordeu tua cabeça?*” em seu sentido literal

Sabemos que nosso objeto de pesquisa (O cavalo mordeu tua cabeça?) teve seu sentido ressignificado, surgindo uma nova expressão linguística. Com a perda da composicionalidade, esse termo passou a possuir um novo significado, muito utilizado por falantes que pretendem tornar a conversa mais interessante, impactante e com um toque de humor. Dessa forma, para que possamos prosseguir com os dados referentes ao novo significado da expressão, primeiramente, falaremos sobre o objeto “o cavalo mordeu tua cabeça?” em seu sentido literal.

Segue abaixo, um dado do significado literal da expressão:

Dado 2



Fonte: Imagem Extraída da rede Social “Facebook” (2025).

Realizando uma análise prévia do dado 2 (dois), que é uma imagem do gênero charge, que foi divulgada na rede social Facebook, em uma página de expressões paraenses, como crítica ao então presidente Bolsonaro, podemos observar claramente o significado da expressão em seu sentido literal, em que um animal, mais precisamente *o cavalo*, está mordendo a cabeça de uma pessoa (nesse caso, o então presidente).

Após entendermos o significado da expressão em seu sentido literal, realizaremos uma abordagem detalhada dos dados que irão demonstrar a ressignificação dessa expressão, mostrando uma nova forma de uso dessa sentença, muito utilizada no falar paraense.

O cavalo mordeu tua cabeça: em busca de novos rótulos

Ao verificar a ideia de que o falante está sempre em busca de novos rótulos para expressar a sua subjetividade, apresenta-se um dado de nossa pesquisa que apresenta a visão funcionalista de que a língua deve modificar-se e adaptar-se às necessidades e comportamentos dos falantes, como citou Matellota (2003). Segue o dado abaixo:

Dado 3



Fonte: Imagem extraída de um post do Facebook

(2024).

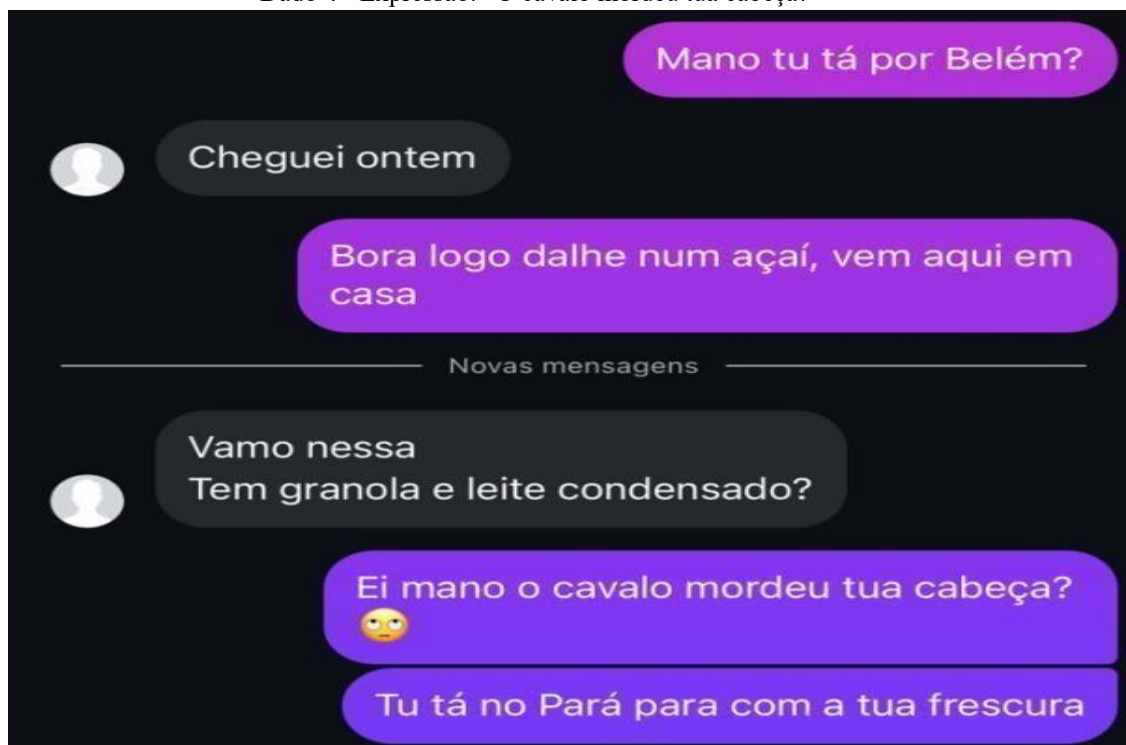
O dado 3 (três) trata de uma imagem estruturada no gênero meme, que utiliza de personagens da série *Os Simpsons* para construir um diálogo humorístico entre falantes, representando o embate entre uma expressão padrão “Você está ficando doido” para a sua versão ressignificada

“O cavalo mordeu tua cabeça”. Essa troca de expressões é um exemplo claro de ressignificação linguística, na qual se substitui um enunciado comum e já existente, por uma nova expressão local, que traduz o mesmo sentido, porém sendo expressada de uma maneira mais humorística e impactante. Sendo essa, uma expressão criada a partir da necessidade do falante, corroboramos com a visão do funcionalismo, a qual destaca a busca e a criação de novos termos ou expressões que atendam às necessidades comunicativas e sociais, como diz Silva (2020).

5.2. Análise semântica da expressão: Sentido não-composicional

Sabemos que as expressões: “Você está ficando doido?” e “O cavalo mordeu tua cabeça?”, possuem um mesmo objetivo comunicativo, que expressam surpresa diante de um comportamento considerado estranho, sem noção ou irracional. No entanto, diferenciam-se no plano da composicionalidade semântica, e quando se tem a perda de composicionalidade, é necessário conhecimento dos detalhes da expressão para poder inferir e interpretar corretamente o objetivo final da sentença. Como mostramos no dado a seguir:

Dado 4 - Expressão: “O cavalo mordeu tua cabeça?”



Fonte: Extraído de diálogo no Instagram (2024).

Realizando a análise do dado 4 (quatro), observamos se tratar de uma conversa em uma rede social (Instagram). Expressando o sentido *não-composicional* da expressão, “O cavalo

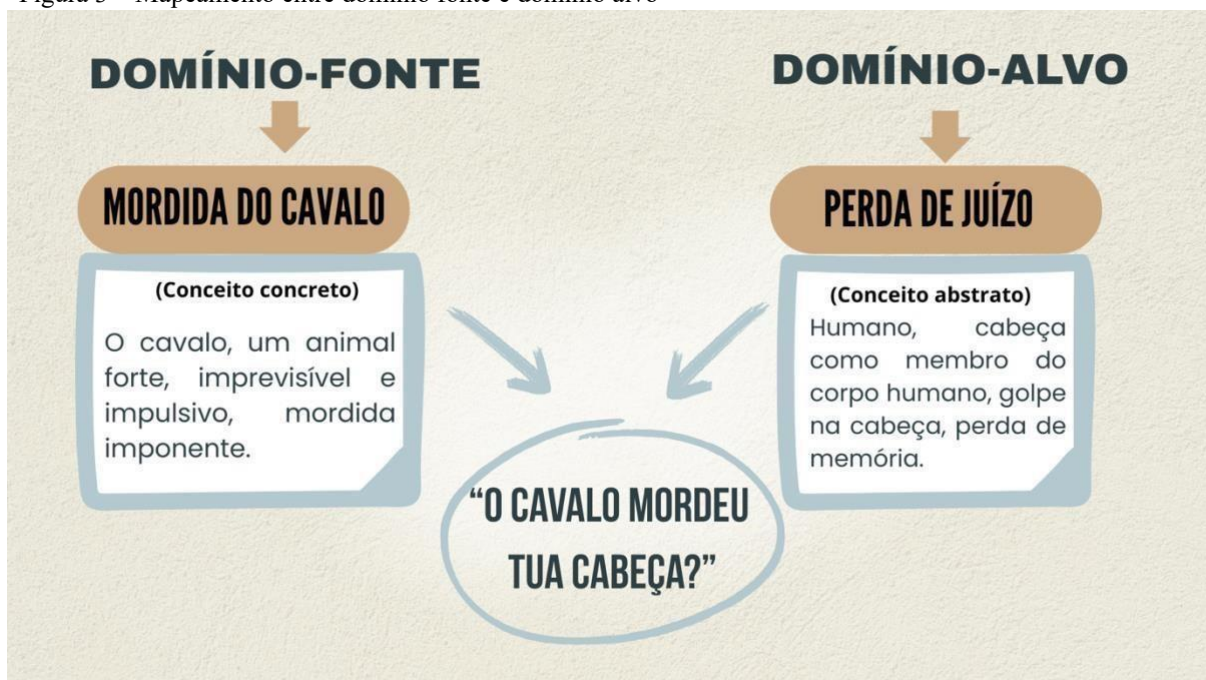
mordeu tua cabeça?”, observamos que esse dado se refere à uma conversa informal entre amigos, em que a pessoa 1 (paraense) faz um convite à pessoa 2 (não paraense), para tomar açaí em sua casa. Porém, sua resposta foi um tanto decepcionante ao paraense, que imediatamente respondeu “o cavalo mordeu tua cabeça?”, como ideia de loucura ou falta de noção. Tendo em vista que a cultura paraense expressa um grande apego pela culinária local e o açaí puro e em natura, é um dos mais apreciados na cultura do Pará.

A partir disso, observamos a perda da composicionalidade na expressão, pois não é possível fazer a leitura e interpretação da expressão somente com a soma das partes, para se chegar ao significado. Sendo necessário ter um conhecimento dos detalhes interpretativos ou conhecer a expressão através do falar cultural da localidade que utiliza a frase, para que se possa compreender o que quer dizer através da expressão em tela.

5.3. A relação entre o domínio fonte e domínio alvo no objeto da pesquisa

Observamos, no decorrer da pesquisa, a presença dos dois domínios no processo de ressignificação, como afirma Lakoff (1980), sobre a existência de uma correlação, domínio fonte com um conceito mais concreto, indo para o domínio-alvo de forma mais abstrata, como apresentado no dado abaixo:

Figura 3 – Mapeamento entre domínio fonte e domínio alvo



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Ao analisarmos os dois domínios (domínio-fonte e domínio alvo), em nosso objeto de estudo “O cavalo mordeu tua cabeça?”, observamos que o domínio fonte, que é o conceito concreto da expressão, vem a ser a mordida proferida pelo cavalo, que apesar de ser um animal aparentemente dócil, pode ser agressivo e imprevisível.

O domínio alvo, por sua vez, é o conceito abstrato da expressão, que em nosso objeto de pesquisa, vem a ser a ideia de loucura, perda de juízo ou negação de algum fato ou ideia sem sentido. Sendo uma expressão muito utilizada em conversas informais, entre amigos ou familiares, em maioria das vezes, utilizada de uma forma divertida e em um contexto de conversa engraçada para tornar o diálogo mais interessante e dinâmico.

5.4. A expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?” em forma de negação

Como já analisada no decorrer desse trabalho, a expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?” é uma variação linguística da frase “você está ficando doido?”, em que, por necessidade do falante foi ressignificada, para tornar o diálogo mais interessante e impactante. Logo, expressões como essa são constantemente modificadas pelos falantes, a depender de suas necessidades, podendo adaptá-las aos seus contextos comunicativos e sociais, como destaca Martellota (2003). Portanto, essa não é a única forma de uso desse termo, pois, em alguns casos, a expressão é utilizada em contexto de negação de algo que lhe é falado ou atribuído, mas também em contexto informal. Como apresentamos no dado abaixo:

Dado 5



Fonte: Extraído de uma conversa em WhatsApp (2025)

Ao realizarmos a análise do nosso objeto de estudo, observamos essa variação de uso da expressão, em que o falante não apenas expressa a ideia de loucura e falta de juízo, mas também nega algum fato no decorrer do diálogo. Essa variação também utilizada no contexto de conversas informais entre amigos e familiares expressa uma forma mais engraçada e descontraída de negar algo, deixando muito mais interessante.

O dado 5 (cinco), mostra uma conversa em um grupo de amigos em uma rede social (WhatsApp), onde verificamos a participação de três pessoas. A pessoa 1, inicia a conversa dizendo que a pessoas 3, teria se relacionado romanticamente com uma pessoa X (“Pikena”). A pessoa 2, mostra-se curiosa para saber detalhes do ocorrido, mas a pessoa 3, surge indignado com aquele comentário e para negar o que estava sendo falado sobre ele, utilizou a expressão típica do falar paraense, “O cavalo mordeu tua cabeça?”, que nesse contexto, além de expressar ideia de loucura, também expressa a negação do fato insinuado no decorrer do diálogo. A pessoas 3, poderia ter apenas dito que não era verdade, mas como se tratava de uma conversa informal entre amigos, ele utilizou esse termo, pois é uma forma muito mais chamativa e impactante de expressar negação.

5.5. Possível surgimento da expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?”

Sabemos que nenhuma expressão surge do nada, e para que uma nova frase ou palavra nasça, é necessário o processo de resignificação, como já analisamos anteriormente. Porém, esse processo não se dá de forma aleatória, sempre há uma motivação que varia de acordo com a necessidade do falante, sua cultura, sua ideologia, o ambiente em que se encontra, dentre outros fatores.

No decorrer de nossas pesquisas, quando estávamos em busca de uma explicação lógica do significado da expressão, “O cavalo mordeu tua cabeça?”, encontramos alguns indícios lógicos de como poderia ter surgido tal sentença.

Observamos que a maioria das pessoas desconhecem essa forma de ataque (mordida) do animal (cavalo), que costuma ser dócil e facilmente adestrado, tendo como forma de “ataque”, o coice. No entanto, aprofundando nossa pesquisa, verificamos que a mordida do cavalo é algo incomum, e raramente pode acontecer.

Com essa informação, chegamos à hipótese, de que a expressão “O cavalo mordeu tua cabeça?”, pode ter surgido em uma conversa informal, entre amigos ou familiares, em um ambiente de fazenda, zona rural, haras, etc. Tendo em vista, que o falante irá resignificar as expressões de acordo com sua necessidade, porém, essa resignificação só é possível através dos conhecimentos já existentes de cada falante.

Se a mordida do cavalo é algo incomum e fora do conhecimento das pessoas que não lidam com esses animais, possivelmente foi falada a priori, por pessoas que já conheciam e lidavam com esses animais, sabendo da intensidade da mordida. Dessa forma, podendo atribuir a ideia de loucura, com uma expressão muito mais impactante, utilizando-se da ressignificação de uma expressão simples “Você está louco?”, por uma expressão facilmente compreendida por eles, “O cavalo mordeu tua cabeça?”, que apresenta fragmentos de uma já conhecida por eles, podendo utilizar em contexto informal, tornando a frase muito mais humorada, leve e divertida no momento comunicativo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, esta pesquisa buscou apresentar uma discussão sobre a expressão metafórica, “o cavalo mordeu tua cabeça?” com o objetivo de analisar e compreender melhor seu significado e o contexto de uso, observamos que quando analisada, sob a perspectiva linguística funcional, evidencia o papel central das metáforas no processo de construção de sentido, tanto no plano cognitivo quanto discursivo. Longe de um uso meramente estilístico ou ornamental, essa expressão revela-se como um mecanismo linguístico que opera na articulação entre linguagem, pensamento e cultura.

Ao longo desse trabalho, argumentou-se que a expressão em questão, ativa um conjunto complexo de inferências e esquemas mentais acionando domínios de experiência distintos como o domínio do comportamento animal e o domínio da cognição humana, para produzir um sentido metafórico que aponta para a perda da racionalidade. Nessa perspectiva, conforme Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é entendida como um mapeamento conceitual entre domínios, em que uma experiência mais concreta ou física (a mordida de um cavalo) é projetada sobre uma experiência abstrata (o estado mental ou racional do sujeito).

Assim, a análise linguística da expressão “o cavalo mordeu tua cabeça?” permite compreender como as metáforas moldam nossa percepção da realidade e operam como instrumentos de construção discursiva. O presente estudo reafirma, portanto, que as metáforas são elementos estruturantes da linguagem humana, com potencial para revelar os modos como organizamos e experienciamos o mundo por meio das palavras.

Constatamos no decorrer da análise, que as expressões já existentes ganham um novo significado, devido os usuários da língua serem sujeitos pensantes, querendo ser mais expressivos em sua forma de interagir, criam novos rótulos não de forma aleatória, mas de forma motivada. Percebemos ainda, que a expressão analisada, além de expressar a ideia da

perda de juízo, se referindo a alguém que ficou doido, em outro contexto de uso, pode expressar também a ideia de negação como apresentado em um dado da pesquisa.

Diante disso propõe-se a continuidade de investigações que articulem metáfora, cognição e discurso, ampliando o entendimento de como esses recursos operam em contextos diversos da linguagem cotidiana. Visto que as mudanças não param, a língua é maleável e em todo tempo está se movimentando. Destacamos ainda a importância de pesquisas na área da linguística para o meio acadêmico a fim que possamos ter mais recursos e obter avanços, para futuras pesquisas, sem contar que é prazeroso demais perceber como ocorre na prática o que aprendemos na teoria.

REFERÊNCIAS

- CANTÃO, Marielen Rodrigues. **Um estudo da metáfora nos provérbios de Salomão**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTELLOTTA, Mário Eduardo. **Funcionalismo e metodologia quantitativa**. Niterói: UFF, 2021. Disponível em: <https://de.uff.br/wpcontent/uploads/sites/330/2021/07/001MárioEduardo-Martellota-01.pdf>. Acesso em: [coloque a data de acesso].
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de; COELHO, Victoria Wilson. **Linguística funcional aplicada ao ensino de português**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 89.
- SILVA, Viviane Fonseca da. **Uma análise acerca das metáforas “Deus é Rei” e “Eu sou filho do Rei” com base na produção do discurso da prosperidade**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2023.
- SOUZA, Aline Gomes. **Aspectos interlinguísticos e interculturais no continuum de fala de um estudante universitário em situação de intercâmbio: uma análise semântica**. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 8., 2013, Goiânia. *Anais do VIII Seminário de Línguas Estrangeiras: a formação e a prática de professores de línguas estrangeiras*. Goiânia: UFG, 2013. p. 17–25.
- Referências das figuras em anexo:**
- ALCÂNTARA, Breno. O cavalo mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 04 de jan. 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.
- ALMEIDA, Jessica. Tu é lezo e ou o cavalo mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 22 fev. 2024. **Facebook**. Disponível em: link direto da publicação, se houver. Acesso em: 10/05/2025.
- ANDRADE, Alessandra. O cavalo mordeu a tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 22 ago. 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

ANDRADE, Rita. Cavalo mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 12 de jun 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

BEATRIZ, Carla. Cavalo mordeu tua cabeça foi. [Postagem no Facebook]. 7 mar. 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

BRILHANTE ARAUJO, Carlos Kleber. O cavalo mordeu tua cabeça? [Postagem no Facebook], **Facebook**, 27 dez. 2024. Facebook. Acesso em: 10/07/ 2025.

CARVALHO, Adrih. O cavalo mordeu tua cabeça foi?. [Postagem no Facebook]. 10 de fev. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

CEI, Joice. O cavalo mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 20 de fev. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

GESEL, Tiago. Tua hora chegou, o mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 23 mar. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

GUIMARÃES, Orcelia. Cavalo mordeu tua cabeça mana. [Postagem no Facebook]. 20 abril 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

GONÇALVES. Aline. Cavalo mordeu tua cabeça?. [Postagem no Facebook]. 29 mar. 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

LIMA, Yan. O cavalo mordeu tua cabeça, mana?. [Postagem no Facebook]. 17 de mar. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

MONICA, Dani. O cavalo mordeu tua cabeça?. [Postagem no Facebook]. 2 de Set. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

OLIVEIRA, Gilmara. Cavalo mordeu tua cabeça foi. [Postagem no Facebook]. 22 de nov 2023. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

OLIVEIRA, Vitória. Tua hora chegou, o mordeu tua cabeça, foi?. [Postagem no Facebook]. 26 de Jan. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

PISMEL, Murillo. O cavalo mordeu tua cabeça foi seu comédia. [Postagem no Facebook]. 19 de jun. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

QUEIROZ, Eliene. Cavalo mordeu tua cabeça?. [Postagem no Facebook]. 7 jan. 2020. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

RABELO, Andrea. Pra mim o cavalo mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 3 fev. 2021. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

REI DE COPAS, Papão. O cavalo mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 6 de dez. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025.

VINAGRE, Caroline. O mordeu tua cabeça. [Postagem no Facebook]. 22 de Jun. 2024. **Facebook**. Acesso em: 10 maio 2025

ANEXOS

Anexo 1



Fonte: Brilhante Araújo (2024).

Anexo 2



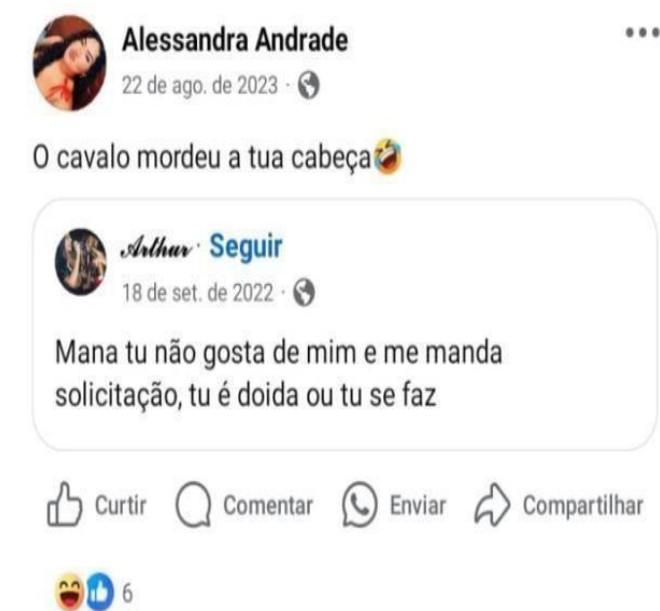
Fonte: Almeida (2024).

Anexo 3



Rabelo (2021).

Anexo 4



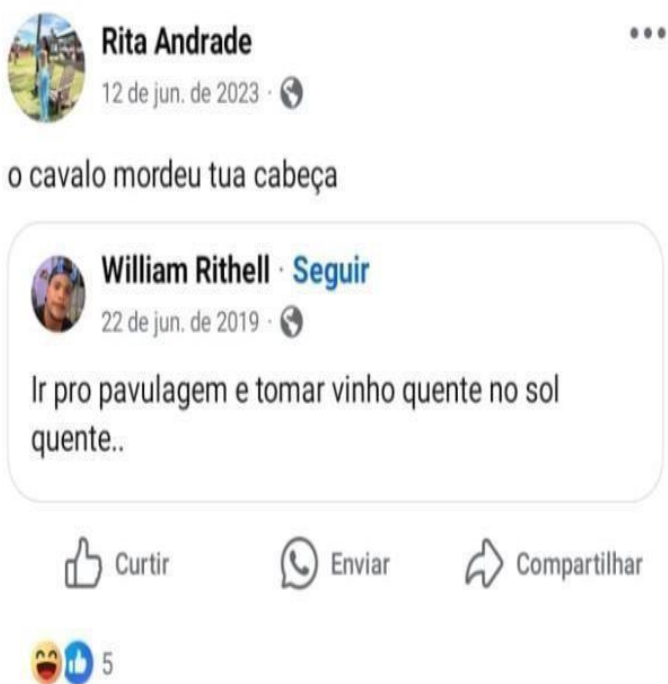
Andrade (2023).

Anexo 5



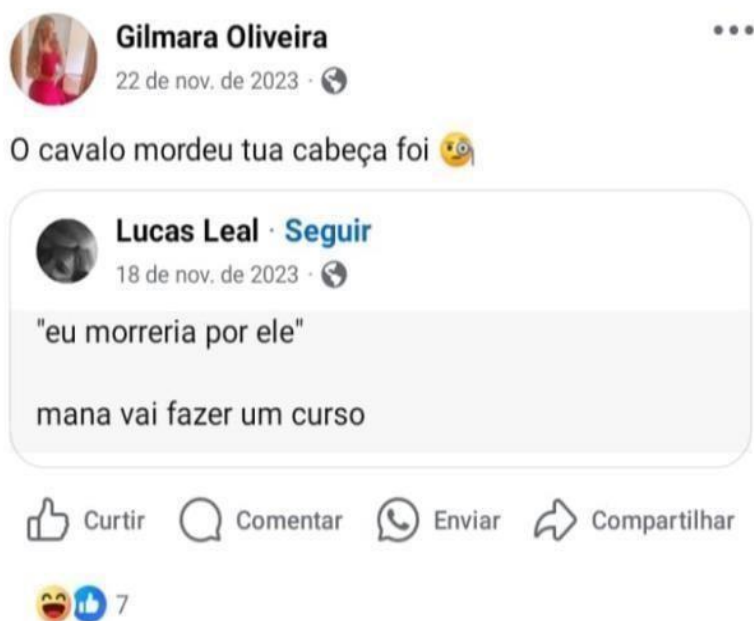
Beatriz (2023).

Anexo 6



Andrade (2023).

Anexo 7



Oliveira (2023).

Anexo 8



Alcântara (2023).

Anexo 9



Queiroz (2020).

Anexo 10



Gonçalves (2023).

Anexo 11



Carvalho (2024).

Anexo 12



Guimarães (2023).

Anexo 13



O cavalo mordeu tua cabeça 🤔



Ei mana q diabo q tu fica mandando solicitação pro meu cara tu é doida é?? 🤔

👍 Curtir 💬 Comentar 📧 Enviar ➦ Compartilhar

Cei

(2024).

Anexo 14



Tchau mana . Tua hora chegou, o cavalo mordeu a tua cabeça, tá se achando muito ..



Aline vota na ex-sogra Dona Vilma! 😂😂
- Se Diogo ainda planejava de ver Aline, nesse momento ele acaba de desistir! 😂😂🤔💔



👍 Curtir 💬 Comentar 📧 Enviar ➦ Compartilhar

Gesel (2024).

Anexo 15



Anexo 16



Anexo 17



Oliveira (2024).

Anexo 18



Vinagre (2024).

Anexo 19

**Dani Mônica**

2 de set. de 2024 · 🌐



O cavalo mordeu a tua cabeça?



Mônica (2024).

Anexo 20

**Yan Lima**

17 de mar. · 🌐



O cavalo mordeu tua cabeça, mana?!

**Fabianinho Silva** · Seguir

28 de mar. de 2024 · 🌐

Engravidar para salvar o relacionamento? Tu vai chorar mais que esse bebê mana



Curtir



Comentar



Enviar



Compartilhar

Lima (2024).

Dado 1



Fonte: Extraída da rede social "Facebook" (2024).

Dado 2



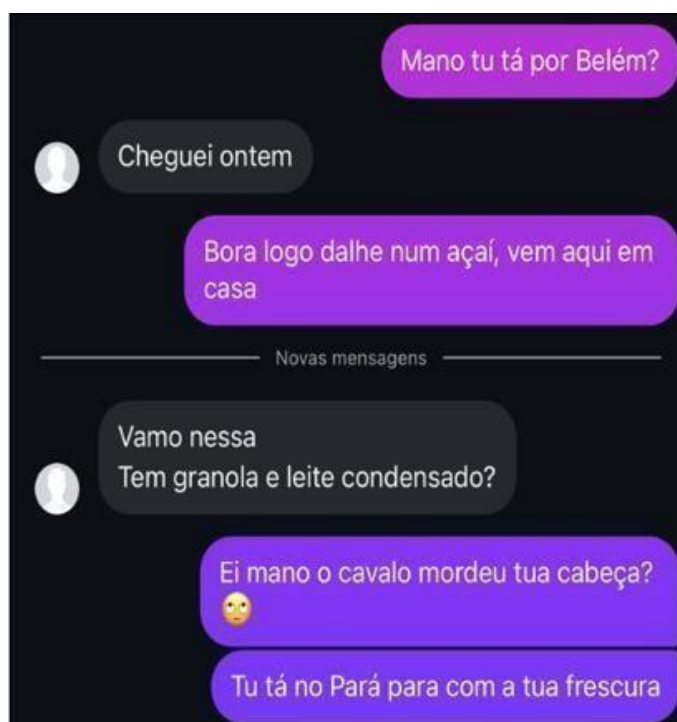
Fonte: Extraída da rede social "Facebook" (2024).

Dado 3



Fonte: Extraída da rede social “Facebook” (2024).

Dado 4



Fonte: Extraído de diálogo no Instagram (2024).

Dado 5



Fonte: extraída de uma conversa do WhatsApp (2025)